



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I – CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

ANA FERREIRA DA SILVA

ARISTÓTELES E A EDUCAÇÃO

CAMPINA GRANDE – PB

2016

ANA FERREIRA DA SILVA

ARISTÓTELES E A EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso –
Monografia – apresentado ao Programa de
Pós-Graduação em Filosofia da Educação
– PGFILE – UEPB – como requisito
parcial à obtenção do título de Especialista
em Filosofia da Educação.

Orientador: Professor Dr. Julio Cesar Kesting

CAMPINA GRANDE – PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586a Silva, Ana Ferreira da.
Aristóteles e a educação [manuscrito] / Ana Ferreira da Silva.
- 2016.
37 p.

Digitado.
Monografia (Filosofia da Educação) - Universidade Estadual
da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting, Filosofia".

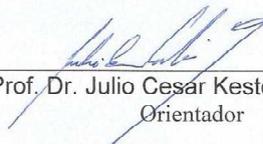
1. Aristóteles. 2. Ética. 3. Educação. 4. Política. I. Título.
21. ed. CDD 370.114

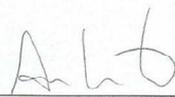
ANA FERREIRA DA SILVA

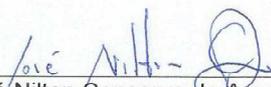
ARISTÓTELES E A EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão apresentado ao programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação (PGFILE) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Aprovado em 22/08/2016.


Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Examinador

Dedico este trabalho ao meu amado filho Victor Hugo o qual sempre esteve presente me dando força mesmo sendo ainda uma criança.

Dedico também ao meu pai Sr. Apolônio Ferreira da Silva (In Memoriam).

E por fim, dedico a todos aqueles que de alguma forma estiveram presentes nesta jornada ajudando-me e acreditando que posso ir mais além.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo e por estar sempre ao meu lado em toda minha existência.

Agradeço a minha família e alguns amigos os quais fazem parte da minha vida cotidiana.

Agradeço especialmente mais uma vez a meu amado filho Victor Hugo e pelas diversas alegrias que vivenciamos juntos.

Agradeço ao professor Dr. Julio Cesar Kesting pela disposição em me orientar neste trabalho, bem como aos demais professores que compuseram minha banca examinadora.

Por fim, agradeço aos professores que fizeram parte do curso de Especialização em Filosofia da Educação da UEPB.

Aqueles que educam as crianças são bem mais para ser homenageados do que os pais, pois estes deram somente a vida, aqueles a arte de viver bem (Aristóteles).

RESUMO

Aristóteles dedica sua obra *Ética a Nicômaco* ao tema da ética e a endereça ao seu filho Nicômaco; desta forma ela assume, na prática, um caminho pedagógico. O filósofo estagirita preocupou-se, pois com a educação de seu filho e, por consequência, com sua felicidade. Eis, pois, uma das temáticas fundamentais de sua ética: a felicidade. Na nossa pesquisa pretendemos entrever todo caminho proposto pelo filósofo grego para a formação do indivíduo a partir de suas obras que destacam a temática da educação. Aristóteles defende uma educação baseada nos hábitos (*ethos*), fundamentados, por sua vez, na razão (*logos*). O filósofo nos mostra que o caminho para se chegar à felicidade (*eudaimonia*) é árduo e que consiste no espaço de tempo de toda uma existência. Duas obras aristotélicas serviram de base na estruturação de nossa pesquisa: *Ética a Nicômaco* e a *Política*.

Palavras-chave: Aristóteles; Ética; Educação.

ABSTRACT

Aristotle devotes his work *Nicomachean Ethics* to the subject of ethics and addresses to his Nicomachean name of child, taking in this way in practice a pedagogical way. Worried, because with your child's education and, consequently, with their happiness. Upon this, the purpose of that his ethics is happiness. Thus, throughout this work, we intend glimpse all the way proposed by this philosopher *estagirita* for the training of citizens leaving their works that highlight the theme of education. In Aristotle we have an education based on habits (Ethos) which must come from training based on reason (Logos). That is, the formation of the body should anticipate the formation of the spirit. The philosopher tells us that the way to achieve happiness (Eudaimonia) is difficult and that is the purpose of a lifetime. Thus, this paper seeks to scale the theme of education in the work *Nicomachean Ethics* and *Politics* of Aristotle.

KEY WORDS: Aristotle. Education. Ethic.

SUMÁRIO

Introdução	09
Capítulo I: Aristóteles – pesquisador e educador: aspectos biográficos e bibliográficos	11
1.1 Aspectos biográficos	11
1.2 Aspectos bibliográficos	13
1.2.1 Ética a Nicômaco	13
1.2.2 A Política	15
Capítulo II: <i>Ética a Nicômaco</i> e a Educação	16
2.1 Vida feliz	16
2.2 A virtude como estado médio ou doutrina do meio-termo	20
2.3 Os prazeres e as dores	22
2.4 As virtudes intelectuais	23
Capítulo III: Política e Educação	26
3.1 A situação pedagógico-política na época de Aristóteles	27
3.2 Etapas do processo educativo	28
3.3 A concepção aristotélica de cidadania	29
3.4 As matérias de ensino	30
Considerações finais	32
Referências bibliográficas	34

Introdução

Pensar a educação no Ocidente não é possível sem destacar também as contribuições ofertadas pela filosofia; neste sentido, destaca-se a *paidia* referente à formação como processo de construção do homem grego. Para Jäger, a importância dos gregos quanto à educação encontra-se no modo como entendiam o lugar do indivíduo na sociedade e como entendiam a educação no sentido de construção consciente do indivíduo.

A educação participa da vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual; e, uma vez que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, a história da educação está essencialmente condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade. (JÄGER, 1994, p. 4).

Também Aristóteles, sobremaneira através de suas atividades no Liceu assim como através de seus escritos filosóficos, teve uma preocupação particular com a formação do indivíduo na sociedade ateniense de sua época. Neste sentido, além de pesquisador-enciclopedista foi, também, mestre educador por excelência na sua escola denominada peripatética.¹ Suas descobertas e seus escritos se converteram em conteúdo de ensino; neste sentido, entendemos que Aristóteles permaneceu fiel ao preceito presente na sua obra maior *Metafísica*: “[...] o que distingue quem sabe de quem não sabe é a capacidade de ensinar”.²

Como bem observa Cenci em sua obra *Aristóteles e a Educação*, a educação nem sempre foi reconhecida pelos estudiosos como importante no pensamento filosófico aristotélico³; mas é evidente que ela é um dos grandes temas presentes em sua obra, principalmente referente à sua filosofia prática. “A concepção educativa de Aristóteles deve, pois, ser compreendida em seu vínculo estreito com a filosofia prática”.⁴ Duas obras práticas do pensador grego são postas, neste sentido, em destaque, a saber: *Ética a Nicômaco* e a

¹ O Liceu era também conhecido como *Escola peripatética*, pois nela o ensino era ministrado pelo mestre ao seu aluno *andando* (*peripatética* do grego andar, passear em redor). Acerca das áreas de pesquisa, investigações e teorias no pensamento aristotélico destacamos: lógica formal, lógica dialética, teoria retórica e literária, psicologia, economia, política, ética, biologia, pesquisas descritivas e normativas, história da filosofia, dramaturgia, filologia.

² ARISTÓTELES, 2002, p. 7.

³ Hourdakís nos diz que as reflexões aristotélicas acerca da educação nos foram alcançadas “em forma de fragmentos, de modo que pouco sabemos sobre o Aristóteles pedagogo”. (HOURDAKIS, 2001, p. 9).

⁴ CENCI, 2012, p. 9.

Política: “olhando sob um prisma de conduto há um interesse constante pela educação que perpassa sua vida e sua obra e ele reside na ideia central de bem viver (*eudaimonia*) presente na base tanto da ética quanto da política”.⁵

Objetivamos, na nossa pesquisa, aprofundar a questão da educação no pensamento filosófico prático de Aristóteles. O desenvolvimento da temática é fundamental, pois encontramos no pensamento aristotélico questões atualíssimas que são debatidas nos ambientes educacionais de hoje, como: não redução da formação do indivíduo à simples instrução, um sistema educativo orientado a uma educação continuada e integral, o caráter público da educação, a questão da justa medida na ação educativa, a questão da necessidade de se impor limites ao educando e a questão do cultivo de si.⁶

A estruturação de nossa pesquisa obedece à seguinte ordem. Apresentaremos nela, antes de tudo, brevemente, dados biográficos do autor. Em seguida comentaremos resumidamente acerca das duas principais obras práticas de Aristóteles relacionadas à temática da educação: *Ética a Nicômaco* e a *Política*. Passaremos, então, a abordar temas específicos das mesmas, como: a vida feliz; a virtude como estado médio ou doutrina do meio-termo; os prazeres e as dores; as virtudes intelectuais e, por fim, a relação entre educação e política. Finalizaremos o nosso trabalho com algumas considerações acerca da temática proposta.

Ressaltamos que a abordagem desenvolvida nessa pesquisa é de cunho filosófico. Como foi dito anteriormente, os textos primários básicos para a realização de nossa pesquisa foram a *Ética a Nicômaco* e a *Política* de Aristóteles. Também utilizamos textos de literatura secundária que nos auxiliaram na realização de nosso trabalho; destacamos aqui sobremaneira as obras *Aristóteles e a Educação* de Ângelo Vitório Cenci e *Aristóteles* de Jonathan Barnes (org.).

⁵ CENCI, 2012, p. 28.

⁶ Cf. CENCI, 2012, p. 10.

Capítulo I

Aristóteles – pesquisador e educador: aspectos biográficos e bibliográficos

1.1 Aspectos Biográficos

Neste primeiro capítulo objetivamos, apresentar, de forma breve, a biografia do filósofo estagirita bem como a estruturação de seus escritos, pondo em destaque as obras que fundamentam esse trabalho em relação à educação, ou seja, a *Ética a Nicômaco* e a *Política*. Segundo Cenci,

A tarefa de apresentar aspectos da vida, formação e atuação investigativa e docente de Aristóteles não é tão simples. Não bastasse o fato de as informações sobre tal assunto serem muito fragmentárias, soma-se o de que os testemunhos sobre sua vida e personalidade vêm quase todos de tradição adversa a ele. (CENCI, 2012, p. 11).

Aristóteles nasceu no pequeno vilarejo de Estagira, na Calcídia, região dependente da Macedônia cerca de 384 a. C., filho do médico Nicômaco e de Fértia. Em 367, na sua juventude, mudou-se para Atenas, ingressando na academia de Platão, figura célebre da época e cuja fama atraía diversos intelectuais.⁷ Segundo Barner (2009, p. 32), a academia pode ter tido algumas características de um clube moderno sócios sênicos e jurídicos, diretores, encontros regulares, jantares; mas, “[...] não devemos imaginar a Academia como uma universidade ou uma faculdade: em particular, não devemos pensar em programas formais e cursos formais, em exames e graus”.⁸

Aristóteles permaneceu na academia de Platão mais ou menos vinte anos, o que confirmaria a sua adaptação ao ritmo próprio da academia: “Caracterizou-se como um discípulo zeloso, e a dedicação com que se dedicava aos estudos especialmente à leitura, levou Platão a tê-lo em alta consideração e a dar-lhe o epíteto de ‘o leitor’ e de ‘a clara

⁷ Na época em que Aristóteles ingressou na Academia, duas escolas se destacavam em Atenas na formação dos jovens: a de Platão e a de Isócrates; a primeira firmava-se numa perspectiva mais filosófica, a segunda acentuava mais os aspectos da oratória na formação. (Cf. CENCI, 2012, p. 17).

⁸ BARNES, 2009, p. 32.

inteligência da escola”.⁹ Mesmo distanciando-se, com o passar do tempo, do seu mestre no que corresponda à sua doutrina filosófica, foi sem dúvida o mais renomado discípulo da academia de Platão. Deixou a academia após a morte de seu mestre em 347 a. C. “A razão por que ele deixou a cidade é incerta, mas existem hipóteses mencionando razões políticas”¹⁰, ou seja, por suas simpatias ao império macedônio.

Em 342 a. C., Aristóteles foi convidado pelo Rei Filipe a retornar à Macedônia para se encarregar da educação do Príncipe Alexandre, que mais tarde seria chamado de Alexandre o Grande.

Aristóteles ainda não era muito conhecido e provavelmente o convite deveu-se aos laços com a corte macedônica e com Hércias. Aristóteles empenhou-se em ajudar a desenvolver no jovem Alexandre qualidades que entendia ser fundamentais a um soberano. Encaminhava diariamente seu discípulo, que contava então com 13 anos, ao professor de ginástica e dedicava-se pessoalmente à formação intelectual e moral. Colocava-o em contato com a observação, a leitura e a literatura, reservando um lugar importante à política na esperança de que viesse a se tornar um rei esclarecido. (CENCI, 2012, p. 14).

Depois que terminou a educação do então Rei Alexandre, que havia sucedido seu pai no trono no ano de 336, Aristóteles retornou para Atenas. Então, em 335 a. C. fundou sua escola no monte Liceu, chamada de escola peripatética.

No Liceu ministrava lições esotéricas e exotéricas. As primeiras, levadas adiante pela manhã na forma de caminhadas, eram destinadas aos que possuíam conhecimentos prévios indispensáveis e versavam sobre temas mais abstratos como lógica, física e metafísica. As lições exotéricas, ministradas após o meio-dia ou à noite, eram abertas ao público mais amplo, tratando sobre retórica, sofística, política, economia, etc. (CENCI, 2012, p. 15).

Segundo Ross, o trabalho intelectual que se desenvolveu no Liceu durante a gestão de Aristóteles nunca mais alcançou um nível de seriedade tão elevado, possibilitando, assim, o desenvolvimento das ciências de modo inigualável: “Nalgumas delas, tal como a lógica,

⁹ CENCI, 2012, p. 12.

¹⁰ BARNES, 2009, p. 33.

podemos afirmar de modo justo que não possui nenhum predecessor e, mesmo durante séculos, nenhum sucessor de mérito”.¹¹

Aristóteles faleceu no ano de 322 a. C., em Cálcide, na ilha de Eubéia, aos 62 anos de idade.

1.2 Aspectos bibliográficos

Há um vasto panorama bibliográfico referente a esse pensador clássico. Como observa Hoffe, “sua obra é uma verdadeira enciclopédia do saber”.¹² Para Wolf, “Aristóteles escreveu uma enorme quantidade de livros, dos quais conservou-se menos de um quarto”.¹³ As várias obras, podem ser divididas em três grupos: obras teóricas, obras morais e obras poéticas.

As obras de Aristóteles chamadas *acromáticas*, ou seja, compostas para um auditório de discípulos, apresentam-se sob a forma de pequenos tratados, muitos dos quais reunidos sob um título comum [...]. A arrumação desses tratados de modo a constituir as séries que integram o conjunto das obras de Aristóteles – o *Corpus aristotelicum* – remonta a Andrônico de Rodes, que dirigiu a escola peripatética no século I a. C. (EDITORA NOVA CULTURAL apud ARISTÓTELES, 1996, p. 9).

Antes de prosseguimos nossas reflexões acerca da educação na obra aristotélica achamos por bem, apresentar, de forma sucinta, algumas ideias acerca das obras norteadoras que fundamentam este trabalho, a saber: *Ética a Nicômaco* e a *Política*. Pois, como bem afirmou Hourdakis em sua obra *Aristóteles e a educação*, se pretendemos estudar sua teoria pedagógica, temos de nos apoiar principalmente nessas duas obras. “Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles fala dos princípios da educação do cidadão e menciona o ensino particular; na *Política*, desenvolve mais sua teoria, examinando de modo mais demorado o ensino dos jovens, sobretudo público e para todos”.¹⁴

1.2.1 *Ética a Nicômaco*

¹¹ ROSS, 1987, p. 18.

¹² HOFFE, 2008, p. 33.

¹³ WOLF, 2014, p. 14.

¹⁴ HORDAKIS, 2001, p. 9.

Segundo a opinião dos estudiosos do pensamento filosófico aristotélico o pensador escreveu três grandes obras voltadas a ética, a saber: *Ética a Eudemo*, *Ética a Nicômaco* e a *Grande Moral*, sendo esta última “posterior às outras éticas e não foi composta pelo próprio Aristóteles”.¹⁵

Neste trabalho nos dedicaremos no que se refere às obras de ética apenas com a *Ética a Nicômaco*, pois percebemos que ela possui uma importância maior no que se refere aos objetivos propostos na nossa pesquisa, ou seja, a dimensão educativa está unida ao pensamento de um indivíduo que se cultiva nas virtudes e possui como ideal o bem viver, a *eudaimonia*.

Aristóteles dividiu sua *Ética* em dez capítulos, em formato de notas de aula. Ao escrever esta obra, possivelmente intitulou-a com o nome de seu filho, por estar preocupado com a sua educação e, por sua vez, com a felicidade do mesmo. Segundo Wolf, o desdobramento de conteúdo segue a seguinte ordem:

- I – A respeito do conceito de fim, de bem e de *eudaimonia*;
- II – Definição de *arete* ética (virtude, excelência);
- III – 1 – 7 – *Hekousion* (voluntariedade) e *proairesis* (propósito, decisão);
- III – 8 – V – *Asaretai* éticas singulares, entre as quais, é importante:
- V – A justiça;
- VI – As *aretai* intelectuais;
- VII – 1 – 11 – A falta de domínio;
- VII – 12 – 15 – O primeiro tratado sobre o prazer;
- VIII – IX – A amizade;
- X – 1 – 5 – O segundo tratado sobre o prazer;
- X – 6 – 9 – A resposta à questão da *eudaimonia*;
- X – 10 – A transição para a política.¹⁶

No nosso trabalho desenvolveremos as principais ideias da ética relacionada a educação. Santos resume o conteúdo dessa obra aristotélica da seguinte forma: “apresentar o bem mais elevado para as criaturas humanas; apresentar a finalidade da vida humana; apresentar a necessidade de transformar a práxis humana em *eupraxia* (boa ação)”.¹⁷

Precisamos salientar, ainda que Aristóteles também tivesse a intenção de que o povo da *polis* refletisse sobre as suas ações e que colocasse a razão acima das paixões e buscasse a felicidade tanto individualmente quanto coletivamente. Assim, além do cultivo do caráter do

¹⁵ WOLF, 2010, p. 15.

¹⁶ WOLF, 2001, p. 16-17.

¹⁷ SANTOS, 2012, p. 4.

indivíduo através da prática de hábitos virtuosos, é preciso também que haja uma prática (educativa) na *polis* a qual tem como fim último o bem comum de todos os cidadãos livres.

1.2.2A *Política*

Para Henriques, a *Política* de Aristóteles pode ser considerada “[...] um dos grandes clássicos da filosofia política, e em que pulsa o gênio aristotélico da apreensão global de uma realidade”.¹⁸ Na sua *Política* Aristóteles visa criticar as formas de governo de seu tempo tendo por base os critérios de justiça e de injustiça. Aristóteles encontra o indivíduo na sua condição vivencial política (chama-o de *zoonpolitikon*), ou seja, a vida prática (educativa) do indivíduo é vista a partir do âmbito comunitário da *polis*. O filósofo analisa a natureza dos indivíduos e do estado; formula quais os direitos e deveres dos indivíduos bem como o papel do estado com relação a estes.

Aristóteles esclarece na sua *Política* que o homem é essencialmente *ser da cidade* e isso não indica apenas um lugar físico particular, mas, antes o caráter próprio do homem: o homem se faz tal só ao participar das práticas e das experiências dos outros homens. (BOTTER, 2012, p. 27).

De modo geral, poderíamos afirmar que na *Política* a educação é vista a partir do bem viver e das virtudes; através delas o Estado forma bons cidadãos. Somos, pois, confrontados com temas presentes tanto na *Ética* como na *Política*, ou seja, com a arte do bem viver e com a virtude. Segundo Santos, a *Política* oferece “os princípios básicos para uma ação pedagógica que visa o indivíduo para viver em coletividade e ser feliz”.¹⁹ Ou seja, Aristóteles através dessa obra descreve uma preocupação com a formação do futuro legislador da cidade-estado. Este legislador futuro deverá, pois, ser educado segundo o modelo das virtudes e aquele da vida feliz.

¹⁸ HENRIQUES, 2009, p. 11.

¹⁹ SANTOS, 2012, p. 6.

Capítulo II

Ética a Nicômaco e a Educação

Sem sombras de dúvida, quando pensamos a humanidade em geral vemos que a questão da educação foi sempre de grande importância para a mesma. A educação tem a ver com uma necessidade do ser humano quanto à sua realização no palco do mundo. Afinal, é evidente que o indivíduo não nasce pronto; muito pelo contrário, ele vai se fazendo aos poucos, dia após dia. A educação serve como porta de entrada no que diz respeito ao desenvolvimento do homem como sujeito cognitivo, moral e social. Neste sentido afirma Botter: “A educação de um indivíduo [...] concentra-se no desenvolvimento das potencialidades do homem em si e como indivíduo da *Polis*”.²⁰

A educação na antiguidade clássica recebeu o nome de *paidéia*, termo grego que provém de *paidos* (crianças), e significa *educação dos meninos*. A *paidéia* consistiria num processo formativo que teria seu início primeiramente na família e depois se estenderia a uma vida coletiva na *polis*. Nas páginas que se seguem concentraremos, primeiramente, nossa atenção nos tópicos principais presentes na obra de Aristóteles *Ética a Nicômaco*, vinculando filosofia prática com questões educativas, quais sejam, a vida feliz, a virtude como estado médio ou doutrina do meio-termo, os prazeres e as dores e as virtudes intelectuais.

2.1 Vida Feliz

Para Aristóteles, a educação inquestionavelmente tem a ver com um processo de melhoramento da natureza humana. O homem, por sua vez, no momento do nascimento, seria ainda algo totalmente indefinito, sem caráter. Mas já que para Aristóteles tudo o que existe deve ser compreendido em um todo bem ordenando que se chama *cosmos*, e cada ser possui sua especificidade (finalidade) própria, assim também o ser humano tem a sua própria especificidade. E qual seria, então, para o ser humano, a sua especificidade ou o ideal de vida ao qual ele deverá corresponder, ou dito com outras palavras, qual seria a finalidade própria do ser humano no todo do ser?

²⁰ BOTTER, 2012, p. 20.

Como toda outra criatura do mundo, o homem tem uma particular natureza, e a melhor maneira de viver, para um homem, é viver de acordo com sua natureza, que é ser uma criatura dirigida por uma alma racional. A verdadeira função das almas humanas racionais é fazer os homens viverem bem [...]. Viver uma vida bem vivida é o melhor bem possível para o homem, e isto é o que é ser próspero [feliz] como ser humano. (HUTCHINSON, 2009, p. 263).

Mas, segundo Aristóteles, essa felicidade é o resultado de um cultivo, de um esforço pessoal, o que pressupõe, evidentemente, disciplina ou educação por parte do indivíduo que a almeja alcançar. Se a felicidade fosse um dom natural ou apenas uma questão de sorte, então ninguém a mereceria. Ser feliz pressupõe sabedoria, envolve virtudes, inclui viver bem e fazer as coisas conscientemente de forma correta. Então, somente através de um esforço ou de uma educação virtuosa somos conduzidos a uma vida feliz, à *eudaimonia*.

Então a felicidade é o melhor, mais belo e mais agradável dos bens, e estes atributos não devem estar separados, como na inscrição existente em Delos: ‘Mais bela é a justiça, e melhor a saúde; mais agradável é possuir o que amamos’. Todos esses atributos estão presentes nas melhores atividades, e identificamos uma destas (a melhor de todas) como a felicidade. (ARISTÓTELES, 1996, p. 129).

Ao indagarmos sobre o que é a felicidade, percebemos o vasto panorama que se abre com relação à mesma. Compreendemos, antes de tudo, que ela tem sido em todos os tempos a grande busca da humanidade. Qual o ser humano que não busca durante sua vida ser feliz? A questão da felicidade é um antigo problema de toda a cultura grega em todas as suas experiências de pensamento, quer no mito, na poesia, na filosofia, na religião, na mística, quer na dança, na música, nas artes.

Adentrando no pensamento aristotélico presente no livro I da *Ética a Nicômaco*, vemos que o caminho para se chegar a felicidade é árduo. Para Aristóteles, a arte de viver feliz pressuporia um modo de se viver por parte do indivíduo incorporado ao permanente modo de escolha efetuado por ele e vivido em constância. Segundo o filósofo, nós só poderemos chegar a felicidade por meio das virtudes; e “se a virtude está no centro da ética e

também da educação, a questão é explicitar sob que condições uma ação pode ser considerada virtuosa”.²¹

A eudaimonia é o modo de vida mais elevado a ser almejado pelo ser humano. É o ápice do que pode ser aspirado pelas possibilidades humanas, o que significa que não há nenhum bem para além dela. Tudo o que for considerado valioso para o desenvolvimento da vida humana deve ser definido tomando-a como parâmetro. Não fosse assim, o sujeito poderia confundir um modo de vida relativo com o mais elevado e completo. É um modo de vida autossuficiente, visa a uma existência completa, integradora, procurando equilibrar todos os fins e atividade humanas sem depender exclusivamente de nenhum outro modo de vida parcial, qualquer que seja. O seu alcance, todavia, depende do cultivo da alma mediante a virtude, algo diretamente vinculado ao processo educativo. (CENCI, 2012, p. 48).

Ainda no livro I de sua *Ética a Nicômaco* Aristóteles convida-nos a refletir sobre a relação entre os vícios e as virtudes. A felicidade possuiria relação com as atividades virtuosas e as atividades viciosas nos conduzem à situação oposta, ou seja, à infelicidade, ao nosso fracasso. O vício, como oposto a virtude, seria algo repetitivo que degenera ou causa algum prejuízo ao viciado e aos que com ele convivem. Os vícios seriam ações efetuadas sem discernimento (sem a *phrônesis*²², ou seja, sem a virtude, a sabedoria do discernimento). Ou seja, os vícios podem nos causar angústias e dores, sendo prejudiciais a nós mesmos e aos demais que estiverem convivendo conosco. As bebidas, os jogos, o sexo, as comidas em excesso, são apenas alguns exemplos de vícios. Podemos ainda tomar outros exemplos de vícios nos dias atuais: as pessoas vivem num mundo de correria exagerada neste cotidiano considerado descartável; as pessoas hoje não param para refletir sobre sua própria felicidade nem tão pouco sobre o bem estar de sua família, ou ainda do próximo; há também os que fumam e não respeitam quem se encontra ao seu lado, os que usam drogas, os que têm o prazer em ferir o próximo ou mesmo quem ingerem álcool exageradamente, fazendo disso o fim da própria vida. Para Aristóteles, e nesse sentido teríamos muito o que aprender com ele nos dias atuais, os vícios não constituem a felicidade, tornam-se, muito mais, desvios do caminho para conquistá-la. Mas se o homem age com sabedoria de discernimento na busca de ações que são conforme à virtude, ele poderá ser feliz na sua vida.

²¹ CENCI, 2012, p. 55.

²² Para Reale, “A determinação precisa do conceito de *phrônesis* encontra-se em Aristóteles, que a distingue nitidamente da *sophia*. Para Aristóteles, *phrônesis* e *sophia* são virtudes dianoéticas, ou seja, da razão. Mas a primeira diz respeito à *razão prática*, a segunda à *razão pura especulativa* [...]. *A phrônesis torna-se assim a sabedoria tipicamente humana que consiste em bem deliberar em torno do que é bem e mal para o homem*”. (REALE, 1995, p. 228).

É evidente que a excelência [a virtude] a examinar é a excelência humana, pois o bem e a felicidade que estamos procurando são o bem humano e a felicidade humana. A excelência humana significa, dizemos nós, a excelência não do corpo, mas da alma, e também dizemos que a felicidade é uma atividade da alma. (ARISTÓTELES, 1996, p. 135).

Diferentemente dos vícios, as virtudes nos fortalecem; elas têm a ver com coisas simples, coisas que se tornarão hábito ao praticarmos sempre. O processo educativo consiste, neste sentido, em criarmos antes de tudo bons hábitos; e esses hábitos, uma vez adquiridos, formariam nossas virtudes morais e cuja prática nos proporcionaria um prazer; assim, “os meios da educação moral alcançam seus fins”.²³ Os bons hábitos exerceriam, neste sentido, um papel fundamental, no processo educativo do indivíduo: eles o levariam a aprender a distinguir e a preferir o que é correto em relação ao que não é. Através dos hábitos nos tornamos mais fortes. Não basta saber o que seriam as virtudes morais; é preciso por parte do indivíduo um esforço para que possa tornar-se virtuoso; é preciso que ele se esforce para possuir as virtudes morais e para colocá-las em prática. Desta forma, uma ação só será virtuosa se resultar de uma escolha do próprio indivíduo.

Os hábitos compõem o caráter do ser humano. Eles representam padrões coerentes, e muitas vezes inconscientes que servem para exprimir o caráter no dia-a-dia, sendo responsáveis pela eficácia ou ineficácia de nossas ações. O caráter no ser humano traduz o grau de aprendizado e educação adquiridos ao longo da existência. Sendo assim, a virtude e a ação são paralelas, e uma depende da outra para consolidar a educação integral do homem. (MENDES, 2011, p. 2).

Entendemos que a virtude é uma disposição de caráter relacionada às nossas escolhas. Vale salientar ainda que a virtude deve ser mostrada através das ações e alcançadas com o exercício efetuado pelo indivíduo durante toda sua vida. A virtude moral é o resultado do hábito, ela não é engendrada no homem por natureza. A natureza fornece-nos a capacidade (as potencialidades) para recebermos a virtude e esta capacidade é aperfeiçoada pelo hábito. “Agir virtuosamente resulta da prática de ações reiteradas em conformidade com a virtude e demanda, pois agir consciente, voluntariamente e com firmeza de caráter”.²⁴ Como nos recorda Chauí, “o bem ético pertence ao gênero da vida excelente e a felicidade é a vida

²³ LOMBARD, 1994, p. 63.

²⁴ CENCI, 2012, p. 57.

plenamente realizada em sua excelência máxima. Por isso não é alcançável imediata nem definitivamente, mas é um exercício cotidiano que a alma realiza durante toda a vida”.²⁵

Com isso, podemos dizer que a felicidade seria uma atualização das potencialidades humanas através da razão. Por ser uma atividade do cotidiano em consonância à virtude, a felicidade não é uma maneira de ser conseguida uma vez para sempre, ela deverá ser sempre buscada diariamente e sempre mais e mais.

A palavra hábito deriva de *ethos*. Como destaca Lima Vaz, *ethos* é uma transliteração dos vocábulos *ethos*, a saber *ἦθος*, com *eta* inicial (*η*), e *εθος*, com *épsilon* inicial (*ε*). No primeiro sentido, denota a morada ou a casa do homem, abrigo protetor, lugar permanente e habitual e que pode ser ‘construído e reconstruído pelo homem’, em contraste com o domínio do reino da necessidade [...]. O segundo sentido refere-se ao comportamento decorrente da repetição constante dos mesmos atos, dizendo respeito às coisas que ocorrem com frequência ou quase sempre. O *ethos* denota aqui uma disposição permanente, ‘uma constância no agir que se contrapõe ao impulso do desejo (*orexis*)’. (CENCI, 2012, p. 48-49).

Compreendemos, pois, que para se ter uma vida dita feliz não se é necessário muita coisa, tendo apenas a virtude como meta. Esta podemos dizer, não pode ser vendida e nem trocada. A virtude, como também entendiam os estóicos, seria, “uma disposição da alma coerente e concorde, que torna dignos de louvor aqueles em que se encontra e é louvável por si mesma independentemente de sua utilidade”.²⁶ Podemos perceber que em Aristóteles existe uma dissociação entre virtude e felicidade, pois a felicidade não é uma virtude e sim uma consequência da virtude. A felicidade não tem a ver com a riqueza e bens materiais, pois estes seriam apenas meios para alcançar felicidade. Ou seja, enquanto uns colocam sua felicidade no acúmulo de riquezas, outros por sua vez, colocam a felicidade na honra, na glória e nos aplausos que advém da atividade política. Encontramos em Aristóteles que a honra não é um bem interior à pessoa e que são os outros indivíduos que resolverão aplaudir ou não aquele ser honrado. Assim, como afirma Paixão, “os homens são honrados por sua virtude, de modo que esta é anterior à honra. Esta é uma espécie de prêmio concedido aos homens”.²⁷ Virtude, em grego *aretê* e em latim *virtus* teria a ver, nesse sentido, com o seu significado originário: energia, vigor, vitalidade, potencialidade. O ser humano é um ser dotado de inúmeras potencialidades; mas depende dele desenvolvê-las ou não ao longo de sua própria existência,

²⁵ CHAUI, 2002, p. 442.

²⁶ ABBAGNANO, 2003, p. 1003.

²⁷ PAIXÃO, 2002, p. 50.

tornando-se, assim, conseqüentemente, um homem virtuoso ou um homem feliz, o que seria para Aristóteles o mesmo, já que a existência de uma dessas qualidades pressuporia a outra.

2.2 A virtude como estado médio ou doutrina do meio-termo

Aristóteles diz que a virtude é a medida entre os extremos, ou seja, ela é moderação. Ela é uma disposição constante para agir de um modo deliberado, consistindo numa medida relativa a nós, racionalmente determinada e, como tal, determinada pelo homem prudente. Nesse sentido, a virtude seria uma disposição do ser humano e não uma inclinação como o desejo. Ela teria a ver com ações, hábitos que são aprimorados pelo indivíduo dia após dia: “nem por natureza nem contrariamente à natureza a excelência [virtude] moral é engendrada em nós, mas a natureza nos dá a capacidade de recebê-la, e esta capacidade se aperfeiçoa com o hábito”.²⁸

A virtude teria a ver com o justo-meio, identificado por Aristóteles como caminho por excelência à felicidade. “Esse é um aspecto de fundamental importância para a ética aristotélica e também toda sua concepção educativa, pois não pode haver virtude nem caráter virtuoso onde há excesso ou falta”.²⁹ O justo-meio seria a escolha justa, correta, por meio de discernimentos e encaminhada pela prudência. O justo-meio também é chamado meio-termo entre os extremos. O justo-meio é a virtude ética ou moral, ela diz respeito às paixões ou às ações susceptíveis de excesso ou deficiência.³⁰ Segundo Hutchinson,

Tudo isso explica por que não é fácil ser virtuoso. Para termos uma particular virtude, precisamos cultivar uma disposição que sempre nos envolve no grau correto de resposta emocional. Pode-se errar de muitas maneiras, e, como diz Aristóteles, é preciso habilidade para encontrar o meio exato de um círculo. Uma coisa que ajuda é conhecer suas próprias fraquezas, saber as direções nas quais você tende a cometer erros, e nesses casos ‘temos de nos arrastar dali em direção ao extremo contrário; pois chegaremos ao estado intermediário ao nos afastarmos bastante do erro, como fazem os homens para endireitar varetas que estão arqueadas’. (HUTCHINSON, 2009, p. 282).

²⁸ ARISTÓTELES, 1996, p. 137.

²⁹ CENCI, 2012, p. 50.

³⁰ Nas palavras de Aristóteles: “A excelência [virtude] moral, então, é uma disposição da alma relacionada com a escolha de ações e emoções, disposição esta consistente num meio-termo (o meio-termo relativo a nós) determinado pela razão (a razão graças à qual um homem dotado de discernimento o determinaria). Trata-se de um estado intermediário, porque nas várias formas de deficiência moral há falta ou excesso do que é conveniente tanto nas emoções quanto nas ações, enquanto a excelência moral encontra e prefere o meio-termo. Logo, a respeito do que ela é, ou seja, a definição que expressa a sua essência, a excelência moral é um meio-termo, mas com referência ao que é melhor e conforme ao bem ela é um extremo.” (ARISTÓTELES, 1996, p. 144-145).

Salientamos que, segundo Aristóteles, o meio-termo não é único nem tampouco o mesmo para todos, mas é proporcional a cada pessoa e em cada circunstância. Neste caso, em relação ao meio-termo que não é o único para todos, podemos perceber nos dias atuais essa relação, ou seja, esse modo de agir em uma sala de aula onde temos um grupo de alunos especiais e cada um com seu tempo de aprendizagem. Não podemos usar o meio-termo de modo igualitário para todos, pois os *alunos especiais* precisam de mais tempo para alcançar seus objetivos.

Para Aristóteles, o meio-termo ético é, finalmente, decidido pela experiência de vida e pelo juízo prudente de um homem sensato [...]; cabe ao homem prudente de descobrir o excesso ou a deficiência nos seus comportamentos e definir os meios mais adequados para alcançar o seu bem possível. (PEGORARO, 2013, p. 51).

O ser humano, quando dotado da *phrónesis*, da sabedoria ou da virtude do discernimento que possibilita a escolha correta, refletirá muito acerca de como deve ser administrado o meio-termo em cada circunstância da ação. Neste sentido, nos diz Cenci: “A determinação do meio-termo não é arbitrária porque resulta da escolha orientada pela *phrónesis*; é, pois, algo discernido. A deliberação que o homem prudente faz para orientar o curso de sua ação obedece à reta razão”.³¹

2.3 Os prazeres e as dores

Ao abordarmos a questão do meio-termo aristotélico, adentramos naquilo que reflete o filósofo acerca dos prazeres e das dores. “De fato pensa-se que ele tem ligações muito íntimas com nossa natureza humana, e é por isso que na educação dos jovens utilizamos para guiá-los o prazer e o sofrimento”.³² Para Aristóteles o prazer seria uma atividade desimpedida do nosso estado natural; ele seria um bem, visto que o mesmo é contrário a dor que nos causa coisas ruins. O prazer estaria presente, segundo Aristóteles, em todas as atividades não frustradas que mobilizam nossa capacidades naturais. Isso o permite de colocar o prazer ao lado da vida virtuosa e feliz.

³¹ CENCI, 2012, p. 53.

³² ARISTÓTELES, 1996, p. 299.

Já que uma vida próspera e feliz é uma vida de atividades bem executadas, ela será também uma vida cheia de prazeres, e é certo, como diz Aristóteles, incluir o prazer em nosso ideal de vida feliz. Mas os prazeres da vida ideal provirão diretamente de suas atividades sérias e dignas, não dos frívolos divertimentos da assim chamada vida de prazer. (HUTCHINSON, 2009, p. 274).

A todos aqueles que defendiam a tese de que o prazer não seria bom para o indivíduo, Aristóteles se contrapõe. Os prazeres somente seriam ruins se fossem perseguidos de modo indistinto ou obsessivamente pelo indivíduo; neste sentido, ruins seriam os prazeres errados ou a busca desenfreada de prazeres corporais. Mas, como bem salienta Cenci, para Aristóteles o prazer “[...] é uma espécie de mola propulsora das ações humanas e é condição para a eficácia da ação educativa”.³³ O prazer deve, neste sentido, ser uma coisa boa, pois o seu oposto, a dor, seria algo ruim. “O prazer é realmente uma coisa boa [...] quanto ele surge das atividades apropriadas dos homens em condição moral apropriada, e nosso bem supremo, uma vida vivida de forma próspera, incluirá o prazer como uma de suas bençãos”.³⁴

2.4 As virtudes intelectuais

Segundo Pegoraro, a ética aristotélica apresenta seis condições para que o indivíduo possa ser feliz: a prática das virtudes morais, a amizade, a saúde, a suficiência de bens materiais, a vida numa sociedade justa e a meditação filosófica.³⁵ Quanto a essa última condição, se o homem é um animal racional, ele estará no seu melhor estado quando usar sua razão da melhor maneira, ou seja, na meditação filosófica.

Para Aristóteles, é através da meditação filosófica que o ser humano se eleva ao que há de mais supremo quanto a sua finalidade. Sendo um ser racional, inteligente, através da meditação filosófica ele realiza, ou seja, atualiza sua forma. E isso está também de acordo com o preceito com o qual Aristóteles inicia sua *Metafísica*: “Todos os homens, por natureza, tendem ao saber”.³⁶

Além disso, na meditação filosófica, segundo Aristóteles, o ser humano não se ocuparia com as sensações que seriam modalidades passivas do conhecimento, mas com

³³ CENCI, 2012, p. 61.

³⁴ HUTCHINSON, 2009, p. 275.

³⁵ Cf. PEGORARO, 2013, p. 45.

³⁶ ARISTÓTELES, 2002, p. 3.

ideias que seriam formadas e formuladas pela pura atividade do pensamento. E é nesse sentido que Aristóteles mostra-se um verdadeiro discípulo de Platão e de Sócrates: a qualidade de nosso pensamento depende dos objetos que estamos pensando. Portanto, para o estagirita, um pensamento que pensa ideias puras está pensando formas puras ou imutáveis, acabadas, perfeitas, imperecíveis. “[...] o modo mais elevado de vida possível é aquele que expressa o elemento mais elevado em nós, o elemento divino da razão”.³⁷ A meditação filosófica, pois, nos aproximaria das coisas divinas. Somos o que pensamos e quando pensamos o inteligível somos inteligíveis, isto é, intelecto ativo e em ato. Comparando os seres humanos nas suas atividades com os deuses, Aristóteles diz o seguinte:

Portanto, a atividade dos deuses, que supera todas as outras em bem-aventurança, deve ser contemplativa; consequentemente, entre as atividades humanas a que tiver mais afinidades com a atividade de Deus será a que proporciona maior felicidade. [...] as pessoas mais capazes de exercerem a atividade contemplativa fruem mais intensamente a felicidade, não como um acessório de contemplação, mas como algo inerente a ela, pois a contemplação é preciosa por si mesma. A felicidade, portanto, deve ser alguma forma de contemplação. (ARISTÓTELES, 1996, p. 314).

Para o filósofo estagirita, pois, a mais agradável das atividades virtuosas se encontra na atividade da sabedoria filosófica. A meditação filosófica teria a ver com o supremo nível de felicidade, pois o indivíduo contemplaria verdades imutáveis.³⁸ A partir dessa atividade é que poderemos alcançar a felicidade. Ou seja, o ser humano chegará ao sumo bem (felicidade) por intermédio da razão (filosofia), desprezando as volúpias para agradar, assim, aos deuses segundo a maneira como eles mesmos vivem.

De fato, se os deuses se interessam de algum modo pelos assuntos humanos, como geralmente se crê, é razoável imaginar que aquilo que é melhor e tem maiores afinidades com eles (isto é, a razão) lhes dê prazer, e que eles recompensem as pessoas que amam e honram a razão acima de tudo, porque tais pessoas cuidam do que é caro aos deuses e agem retamente de maneira nobilitante. Agora é claro que todos estes atributos pertencem às pessoas sábias mais que a quaisquer outras. Elas, portanto, são as mais caras aos deuses, e quem estiver nestas condições será provavelmente mais feliz. Sendo assim então, o sábio é o homem mais feliz. (ARISTÓTELES, 1996, p. 315).

³⁷ HUTCHINSON, 2009, p. 266.

³⁸ Cf. PEGORARO, 2013, p. 46.

No próximo capítulo investigaremos acerca da concepção aristotélica da política; constataremos que a aplicação do nome *politiké* não tem relação com uma investigação da natureza do Estado ou das fundações da autoridade política. A *Política* de Aristóteles, como tratado, é uma continuação da *Ética a Nicômaco*. “A teoria política, desse modo, não é para Aristóteles nem um assunto distinto da teoria moral nem a aplicação da teoria moral à esfera política; pelo contrário, ela é uma disciplina auxiliar da teoria moral”.³⁹ E se relacionarmos política e educação no sentido aristotélico, poderemos afirmar que o estagirita confere um papel fundamental à política na formação do cidadão. A educação é pública e igual para todos os homens livres; e uma vida feliz, eudaimônica só é possível na comunidade, na comunidade política.

³⁹ TAYLOR, 2009, p. 299.

Capítulo III

Política e Educação

Neste terceiro e último capítulo abordaremos aspectos relacionados à educação presentes na obra *Política* de Aristóteles. Como vimos anteriormente, Aristóteles nos aponta que a educação dos jovens deve estar pautada na virtude, construída, por sua vez, na disciplina e nos hábitos. Mas, como nos diz Mendes, “a educação do homem, em sua integridade, deveria abranger os diversos campos do saber, com um enfoque sobre o desenvolvimento moral e cívico, além do aprimoramento dos valores internos”.⁴⁰ A Educação, pois, teria para este filósofo um viés público, ou seja, caberia também ao Estado a formação do caráter do indivíduo; somente com a ajuda do Estado o indivíduo teria uma formação adequada: “o ser humano [...] necessita da cidade, é parte integrante dela, e se não for, suas funções se perderão”.⁴¹

Um homem que por natureza não fizesse parte da comunidade política seria um animal ou um deus, pois estaria abaixo ou acima da condição humana. O objetivo da *polis* era o bem viver, o qual se identifica com a finalidade maior da própria educação. (CENCI, 2012, p. 43 - 44).

Na época antiga, o indivíduo entendia-se a si mesmo somente na sua relação com algo maior, com seu clã, com sua *polis*, com seu povo; na Grécia antiga, por sua vez, a constituição da identidade de cada um estava estreitamente unida à comunidade política. Para Aristóteles, que entendia o homem por natureza como um ser vivente político, um *zoonpolíticon*⁴², uma vida feliz só seria possível na comunidade política, ou seja, ser feliz e ser cidadão de uma polis seria algo inseparável. Para Aristóteles, somente na *polis* é que as potencialidades do indivíduo poderão ser devidamente atualizadas; sua concepção de política diferencia-se, neste

⁴⁰ MENDES, 2011, p.1.

⁴¹ GARCIA, 2011, p. 81.

⁴² Cf. ARISTÓTELES, 1997, Pol. I, 2, 1253a.

sentido, profundamente do entendimento moderno da mesma, no qual a reflexão política acontece a partir do indivíduo isolado para chegar até aos contratualismos⁴³.

3.1 A situação pedagógico-política na época de Aristóteles

A época na qual Aristóteles viveu foi profundamente marcada por uma crise pedagógico-política. Platão e Isócrates já haviam pressentido tal crise na qual se encontrava a cidade-estado Atenas. O estado se desinteressava cada vez mais acerca da educação de seus jovens. A defesa de Aristóteles por uma educação pública deve ser entendida, pois, a partir desse desinteresse. A formação dos filhos competia cada vez mais apenas à família. Entre família e estado não havia, assim, um ideal comum com relação à educação. Sendo que a escola encontrava-se desvinculada das finalidades da cidade e dos ideais comuns, desta forma não se sabia mais com exatidão o que ensinar e como ensinar aos jovens.

Platão, com seu projeto ambicioso de educação do cidadão, não conseguiu concretizá-lo numa cidade real; o seu projeto ideal o filósofo só portou nele mesmo⁴⁴; Isócrates, por sua vez, preocupava-se essencialmente com a vida política de seus discípulos, mas a formação dos jovens era predominantemente voltada à eloquência, mesmo que o objetivo maior fosse cívico e patriótico.

Em suma, nem Platão e a cultura filosófica, nem Isócrates e a cultura retórica seriam orientações satisfatórias para um projeto educativo a ser edificado a partir do diagnóstico aristotélico. Seu objetivo não é mais, como em Platão, o de tornar a cidade filosófica, mas desenvolver uma reflexão política que permita a construção da cidade e dos cidadãos uma vez que a finalidade do homem e do cidadão são as mesmas e, pois, a natureza do homem só pode ser efetivada na *polis*. (CENCI, 2012, p. 29-30).

Para Aristóteles, o objetivo do estado deveria ser aquele de ter cidadãos bem educados. Na concretização desse objetivo a família exerceria um papel fundamental; mas,

⁴³ *Contratualismo*: “Doutrina que reconhece como origem ou fundamento do Estado (ou, em geral, da comunidade civil) um convenção ou estipulação (contrato) entre seus membros”. (ABBAGNANO, 2003, p. 205).

⁴⁴ Cf. PLATÃO, Rep. IX, 591 e.

em última instância, que daria finalmente as cartas do jogo na educação dos seus jovens seria a *polis*.⁴⁵

Para Hourdakís, “a família ocupa um lugar considerável na teoria [...] aristotélica relativa à educação”.⁴⁶ De um lado encontramos a figura do pai como sendo uma *fonte de vida* pelo fato de assegurar a alimentação e a formação do filho; por outro lado, a figura materna se coloca do lado da figura paterna de forma desinteressada tendo apenas esta ligação de afeição para com o filho. Diferentemente das espécies inferiores (os animais) que se ocupam apenas dos filhotes até o nascimento, o ser humano é considerado como espécie superior, ocupa-se dos filhos até a maturidade dos mesmos.

3.2. Etapas do processo educativo

Como já discutimos no capítulo anterior, para Aristóteles o indivíduo não se encontra já de início pronto; por isso, o desenvolvimento de suas capacidades ou qualidades não deveria ser visto apenas na relação dele consigo mesmo, mas sim também na sua relação com o homem inteiramente desenvolvido, ou seja, à pessoa que tem autoridade sobre ela, à pessoa que lhe ajudará na própria formação: na sua relação com seu educador.

Aristóteles tem consciência das limitações da criança; ela seria incompleta, o que pressupõe cuidados em relação à sua educação. Segundo Cenci, Aristóteles entende a infância como uma fase inferior, “nela o ser humano está ainda incompleto e sua insuficiência desaparece com ela mesma”⁴⁷. A criança necessita de uma educação contínua para que possa autogovernar-se um dia; de modo que, “o ser humano deve ser, primeiramente, governado e, posteriormente, governante”.⁴⁸ Podemos observar que Aristóteles está preocupado que o governante tenha uma formação diferenciada; assim, para que este seja um excelente político faz-se necessário este processo de educação pautado no exercício do hábito e da razão já desde o período infantil. Mas quando é que iniciaria o processo de educação da criança? Ele iniciaria já no dia do casamento dos pais, pois a formação das crianças pressupõe uma faixa

⁴⁵ “Como seu interesse é ter cidadãos bem-educados, ele [Aristóteles] encontra uma colaboração na família, instituição entendida por ele como produzida pela natureza para facilitar o papel de educador do Estado. A família tem um papel auxiliar indispensável, mas a *polis* é quem deveria dar as cartas do jogo”. (CENCI, 2012, p. 30).

⁴⁶ HOURDAKIS, 2001, p. 30.

⁴⁷ CENCI, 2012, p. 34.

⁴⁸ GARCIA, 2011, p. 82.

ideal para a união dos pais: “pais muitos jovens não passam segurança na formação de seus filhos, e pais muito idosos não aproveitam muito tempo e, dificilmente, esses pais poderão dar a seus filhos uma educação de qualidade”.⁴⁹

Aristóteles, na sua obra *Política*, subdivide também em diferentes etapas o processo educativo da criança e as pedagogias referentes a cada uma dessas etapas:

1) dos 0 aos 7 anos – o período da *trophé* (criação): a criança permaneceria nesta fase em casa sob os cuidados da mãe e à educação estaria voltada aos jogos e totalmente dependente da família. “Os jogos, assim como as estórias, tem o papel de preparar para as ocupações que terão de assumir mais tarde, razão pela qual há a necessidade da imitação das tarefas sérias, próprias de sua vida futura”.⁵⁰

2) depois dos 7 anos iniciaria a pedagogia do esforço e do exercício; neste sentido expressa-se Aristóteles: “[...] não há dúvida que a educação dos jovens não deve ter o jogo por objeto, pois jogar não é estudar e o estudo é acompanhado sempre de um esforço penoso”.⁵¹ Neste período os meios da educação são o hábito e o ensino, os quais pressupõem o exercício: “trata-se de tornar o sujeito da educação capaz de dominar e de ultrapassar a diversidade da experiência, o que não é possível senão por uma pedagogia rigorosa”.⁵²

3) depois dos 18 anos: início do ensino superior na academia ou no Liceu.⁵³

Deste modo, percebemos claramente que a formação educacional em Aristóteles não é somente uma formação individual; ela perpassa diversas etapas, da gestação até o fim, último período dessa formação na vida adulta quando o jovem estará pronto para governar a cidade-estado.

3.3. Concepção aristotélica de cidadania

Se perguntarmos quem seria cidadão na cidade, encontraremos como resposta que é aquele que tem uma participação efetiva na vida da cidade: o cidadão livre. Como bem nos mostra Cenci, “somente é cidadão aquele que participa direta e plenamente no governo da

⁴⁹ GARCIA, 2011, p. 85.

⁵⁰ CENCI, 2012, p. 35.

⁵¹ ARISTÓTELES, 1997, Pol. VIII, 5, 1339 a.

⁵² LOMBARD, 1994, p. 90.

⁵³ Cf. CENCI, 2012, p. 36.

coisa pública por meio da elaboração das leis, da garantia de sua aplicação e da administração da justiça, ou seja, só é cidadão quem possui o direito de participar da função deliberativa ou da judicial. Trata-se dos homens iguais e livres”.⁵⁴

Segundo Santos, as mulheres, os escravos, os velhos e as crianças seriam habitantes na *polis*, mas não cidadãos; efetivamente, eles seriam desimpedidos de participar na vida do estado.⁵⁵ Ou seja, uns não participam por questão natural, enquanto outros por falta de idade ou excesso da mesma. Também os artesãos e os trabalhadores são excluídos de qualquer tipo de cidadania por levarem um tipo de vida que, segundo Aristóteles, não permite aprimorar suas qualidades morais. Ou seja, a educação dessas duas categorias é diferenciada visto que estes recebem apenas uma educação específica para desenvolver o seu ofício. Neste sentido precisa Pegoraro, “não são cidadãos todos aqueles que de algum modo prestam serviço à cidadania: são instrumentos de ação sem os quais a *polis* não funcionaria”.⁵⁶ Constatamos, pois, que a concepção aristotélica do trabalho, como afirma Cenci,

[...] vai em direção oposta à condição do cidadão e da educação adequada a ele. Isso leva Aristóteles a observar que todo homem que pode se furtar da administração da vida doméstica deixa os cuidados desta para um administrador e vai entregar-se à política ou à filosofia. ‘[...] aqueles que têm a possibilidade de poupar-se das preocupações domésticas possuem um encarregado que exerce esse ofício enquanto eles próprios dedicam-se à política e à filosofia’ [...]. Os cidadãos são poucos numerosos, e os demais [...] servem de meio para satisfazer as necessidades dos primeiros. (CENCI, 2012, p. 71).

Desse modo, encontramos na *polis* aristotélica poucos cidadãos; a grande maioria da população era excluída das questões públicas da cidade.

3.4 As matérias de ensino

Antes de indicarmos as disciplinas que deverão ser ministradas aos jovens, é interessante que levemos em consideração a distinção que Aristóteles faz entre matérias que devem entrar e ser apreendidas no programa de educação “em vista de levar a vida de lazer”, sendo “esses conhecimentos e disciplinas [...] fins em si mesmos” e entre aquelas que

⁵⁴ CENCI, 2012, p. 84.

⁵⁵ Cf. SANTOS, 2012, p. 8.

⁵⁶ PEGORARO, 2013, p. 56.

preparariam o jovem “para a vida ativa [...], vistas como de pura necessidade e como meio em vista das outras”.⁵⁷ Como podemos perceber, essa distinção leva em consideração a distinção feita por Aristóteles entre os cidadãos livres e aqueles que não são, com demonstrado anteriormente. Os homens livres possuíam o tempo livre para o prazer, para a felicidade e para as bem-aventuranças de viver; os demais não, eles simplesmente eram excluídos de tudo isso. Assim, segundo a concepção própria de Aristóteles, determinadas disciplinas ajudariam na forma de educação desinteressada, próprias dos homens livres. E quais seriam essas disciplinas?

É preciso que salientemos o critério de escolha das disciplinas que, segundo Aristóteles, devem ser administrada aos jovens (livres): o principal critério é o da formação humana, e, com ela, o fomento do bem viver na *polis*. Desta forma, a música tem como objetivo principal a educação do jovem para a virtude.⁵⁸ Como observa Lombard, a música exerce na formação do indivíduo um papel fundamental, tema fundamental do livro VIII da Política.⁵⁹ Outras disciplinas essenciais para a educação do jovem seriam: a gramática, a ginástica e o desenho. O desenho seria útil para melhorar o juízo estético no que se refere à observação e apreensão da beleza do corpo humano⁶⁰; a gramática é útil a todo estudo posterior, pois “está no centro da função da própria educação de transmitir a cultura de uma geração à outra”⁶¹; a ginástica, por sua vez, possuía na Grécia antiga uma longa tradição; Aristóteles também a toma como uma das matérias fundamentais na formação dos jovens cidadãos; neste sentido, entende que “[...] a educação do corpo deve preceder a do espírito”.⁶²

⁵⁷ ARISTÓTELES, 1997, Pol. VIII, 3, 1338 a.

⁵⁸ Cf. ARISTÓTELES, 1997, Pol. VIII, 6, 1340b-1341 a.

⁵⁹ Cf. LOMBARD, 1994, p. 121.

⁶⁰ Cf. ARISTÓTELES, 1997, Pol. VIII, 3, 1338 a.

⁶¹ CENCI, 2012, p. 39.

⁶² ARISTÓTELES, 1997, Pol. VIII, 3, 1338 b.

Considerações finais

Consideramos que as obras utilizadas na fundamentação desse trabalho bem como todas que compõe o pensamento aristotélico mantêm-se vivas até hoje e nos auxiliam com relação à educação. Podemos afirmar que, junto ao seu mestre Platão, Aristóteles é um dos pensadores do pensamento Ocidental que contribui com seu pensamento enormemente durante todos os séculos na formação ou crescimento intelectual das pessoas.

Consideramos necessário iniciar nossas reflexões que pautaram este trabalho situando a vida, as obras e o pensamento aristotélico sobre a educação. Embora muitos pesquisadores observassem Aristóteles sem descrevê-lo como um pensador educacional, este é considerado como um grande educador. Afinal, encontramos em suas obras já citadas neste trabalho, reflexões profundamente atuais acerca da educação. “Além disso, é possível identificar nele um vínculo profundo entre o pesquisador-enciclopedista e o mestre-professor, uma vez que suas descobertas convertem-se em conteúdo de ensino”.⁶³ Segundo Garcia e Nosella (2009), com quem estamos acordados, Aristóteles pode ser entendido como educador tanto quanto como mestre das ciências. Sua educação nos é apresentada de forma que percebemos a maneira como o homem pode se tornar aquilo que o mesmo deve ser por natureza, ou seja, um ser racional, um ser social, e um ser pertencente ao estado.

Como bem afirma Santos, “o processo educativo aristotélico demonstra a sua preocupação com a maneira e os meios que permitem ao homem alcançar a virtude”.⁶⁴ A virtude ética nos leva a uma educação dos instintos, da sensibilidade e das paixões. Tudo isso sob a luz do intelecto, ou seja, da razão. A educação pautada por Aristóteles tem como objetivo último preparar o indivíduo para uma vida justa e feliz na sociedade. Assim, ela não deve estar separada do *ethos*, ou seja, dos hábitos e dos costumes da cidade-estado.

Enfim, as duas ciências apresentadas nas obras aristotélicas aqui trabalhadas visam dois pontos centrais: o primeiro seria a formação do cidadão para a justiça e o segundo seria o gerenciamento do bem comum a todos os cidadãos, através de um governo que fosse direcionado a esse sentido.

⁶³ CENCI, 2012, P. 28.

⁶⁴ SANTOS, 2012, p. 20.

Aristóteles é visto por muitos pesquisadores como sendo um defensor da escola pública. O estagirita entende a educação também como unitária e igualitária. Ou seja, a tarefa da educação é sempre comunitária e jamais somente individual.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bossi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996 (Os pensadores).

_____. **Metafísica**. Vol. II. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. **Política**. Tradução de Mário da Gama Cury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

BARNES Jonathan. Vida e Obra. In: BARNES, Jonathan (org). **Aristóteles**. Tradução de Ricardo Hermann Ploch Machado. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009, (Coleção Companions&Companions), p. 29-58.

BOTTER, Barbara. A pedagogia antes da Pedagogia. In: Paulo Eduardo de Oliveira (Org.). **Filosofia e Educação: aproximações e convergências**. Curitiba: Círculo de estudos Bandeirantes, 2012 (Capítulo 1).

CENCI, Angelo Vitorio. **Aristóteles e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012 (Coleção Pensadores & Educação).

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. 2. ed. Rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, v. 1.

GARCIA, Alessandro Barreta. **A política de Aristóteles o sistema teórico de educação da cidade**. Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v. 5. Nº 1, p. 79-90, mai. 2011. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br>. Acessado em: 07/07/2016.

_____. **Educação grega e jogos olímpicos: Período clássico, helenístico e romano**. Jundiaí: Paco Editorial: 2012.

GARCIA, Alessandro Barreta. NOSELLA, Paolo. **Educação em Aristóteles**: vida, estrutura política e concepção educacional. Cadernos de Pós-Graduação – Educação, São Paulo, v. 8, p. 27 – 32, 2009.

HENRIQUES, Mendo Castro. Aristóteles. In: ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Pedro Constantin Tolens. 5. Ed. São Paulo: Martin Claret, 2009 (Coleção a Obra prima de cada autor, v. 61).

HOFFE, O. Aristóteles. Porto Alegre: Artmed, 2008.

HOURDAKIS, Antoine. A “etologia” da educação. In: _____. **Aristóteles e a educação**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2001, p. 49 – 65.

HOURDAKIS, Antoine. **Aristóteles e a educação**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2001.

HUTCHINSON, D. S. Ética. In: BARNES, Jonathan (org). **Aristóteles**. Tradução de Ricardo Hermann Ploch Machado. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009, (Coleção Companions&Companions), p. 255-297.

JÄGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**: a formação do homem grego. Tradução Artur M. Pereira. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LOMBARD, J. **Aristote: politique et éducation**. Paris: Harmattan, 1994.

MENDES, Guilherme Valentim. **Aprendizado em Aristóteles**: um olhar sobre a educação. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 16, nº 155, Abril de 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> Acessado em: 07/07/2016.

PAIXÃO, Márcio Petrocelli. **O problema da felicidade em Aristóteles**: a passagem da ética à dianoética aristotélica no problema da felicidade. Rio de Janeiro: Pós-Moderno, 2002.

PEGORARO, Olinto. **Ética dos maiores mestres através da história**. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

REALE, G. **História da filosofia antiga**. Vol. V. São Paulo: Loyola, 1995.

ROSS, D. **Aristóteles**. Lisboa: Don Quixote, 1987.

SANTOS, Lenilson Alves dos. ESTEVES, Julio Cesar Ramos. GONÇALVES, Carolina Fragoso. **Ética, Política e Educação em Aristóteles**. Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Niterói, RJ: ANINTER – SH/ PPGSD – UFF, 2012.

TAYLOR, C. C. W. Política. In: BARNES, Jonathan (org). **Aristóteles**. Tradução de Ricardo Hermann Ploch Machado. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009, (Coleção Companions&Companions), p. 299-327.

WOLF, Ursula. **A ética a Nicômaco de Aristóteles**. Tradução de Enio Paulo Giachini. São Paulo: Loyola, 2010, p. 299-327.